

A favela como sala de aula:

O papel da atividade de extensão na formação de profissionais aptos a produzirem um jornalismo para cidadania¹

Lilian SABACK²

PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O artigo faz uma reflexão sobre o impacto na produção de uma comunicação para cidadania por futuros profissionais da imprensa, hegemônica ou não, com a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Superior (CES), que torna a atividade de extensão obrigatória na graduação. O estudo apresenta o trabalho realizado por alunos de jornalismo e cidadania da PUC-Rio no Jornal Fala Roça, da Rocinha, favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. Apoiada nos conceitos de a comunidade que vem (1993), de Giorgio Agamben, e agente externo, do filósofo canadense Kenneth Schmitz, como Raquel Paiva descreveu em sua obra “Espírito Comum” (2003) para pensar as relações que se estabelecem com a parceria e o desenvolvimento da responsabilidade proposta por Mikhail Bakhtin (1895-1975) no ato da produção de um jornalismo para cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania; jornalismo; comunicação comunitária; Fala Roça; extensão.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é contribuir para o debate sobre o impacto na produção de uma comunicação para cidadania por futuros profissionais da imprensa, hegemônica ou não, a partir da curricularização da extensão nos cursos de graduação. A Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Superior (CES), torna a atividade de extensão obrigatória. De acordo com o Artigo 3 da resolução, com a decisão há a possibilidade da construção de uma sólida ponte de diálogo entre os estudantes universitários de comunicação e os comunicadores comunitários.

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ e Professora do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, email: lilian.saback@gmail.com.

tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.³

Este trabalho apresenta um estudo de caso (DUARTE, 2005) da experiência realizada pelo Departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com a Associação de Comunicação Fala Roça, sediada na Rocinha, favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. No segundo semestre de 2022, meus alunos de Jornalismo e Cidadania, disciplina do quarto período do novo currículo da graduação em jornalismo, produziram reportagens para o site e para as redes sociais do Fala Roça. Uma iniciativa que nasceu a partir da solicitação do Departamento de Comunicação de que fosse feito um projeto piloto de extensão a partir do conteúdo ministrado na disciplina. Como complemento ao método de investigação, foram realizadas entrevistas com os estudantes e com os editores do jornal.

A iniciativa foi elaborada a partir da compreensão de que toda comunicação deve ser pensada em prol da garantia dos direitos dos cidadãos. Neste sentido, estudos como os que integram a obra Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva (2021) fundamentam a noção teórica apresentada aos estudantes para a produção de uma comunicação para cidadania. Destaca-se o pensamento elaborado por Ismar Costa Filho, que nos concede elementos que reforçam não só a importância de veículos de comunicação comunitária, como o Fala Roça, como espaços de fala dos moradores da Rocinha, e também a necessidade de sensibilizar futuros jornalistas dispostos a dar visibilidade a esse grupo e suas questões.

Na cidadania comunicativa, o reconhecimento social deve gerar a isegoria, o direito de todos de expor em público suas opiniões, vê-las discutidas, aceitas ou recusadas (VALENTE, 2013). Esse preceito vai muito além da possibilidade de expressão, pois avança para a visibilidade pública. Ser reconhecido socialmente significa ter o direito de ser visto de forma equânime. A invisibilidade, por outro lado, é uma das formas mais graves de exclusão social (MARTÍN-BARBERO, 1998), porque, não só pode estar acompanhada da negação de outros direitos a bens materiais, mas significa a impossibilidade de ter as precariedades e reivindicações expostas. Para isso, o direito à comunicação necessita garantir políticas editoriais dos meios massivos

³ chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em 29 de jun. de 2023.

e plataformas digitais sensíveis para a promoção da visibilidade dos diversos grupos sociais, principalmente, os mais vulneráveis, excluídos, minoritários e segregados. (COSTA FILHO, 2021, p.143)

Dito isso, no esforço de compreender o conhecimento elaborado a partir da extensão, este artigo apoia-se inicialmente nos conceitos comunidade que vem (1993), de Giorgio Agamben, e agente externo, do filósofo canadense Kenneth Schmitz, como Raquel Paiva descreveu em sua obra “Espírito Comum” (2003). Entende-se que a turma constitui de certa forma “a comunidade que vem”, de Agamben que “é vivida por um ser qualquer, que se sustenta a partir da potência do não ser, do não fazer parte, de ter sua singularidade desgarrada da comunidade em que vive.” (SABACK, 2018, p.26). Já o conceito de agente externo nos permitiu olhar o jornal Fala Roça como um agente externo institucional. Aquele que contribui para a formação de profissionais que produzam um jornalismo menos técnico e mais comunitário. Muniz Sodré observou essa carência nos profissionais de ofício ao pensar a cobertura da violência no Rio de Janeiro: “A imprensa teria um papel grande se fosse mais comunitária e menos societária e se, de algum modo, as matérias não fossem só um relato técnico: lead, sub-lead, sobre o fato que ocorreu” (FILHO, 2003, p. 186).

Se faz importante destacar que a reflexão proposta aqui inverte os papéis de “ser qualquer” e de “agente externo” identificados em minhas pesquisas anteriores. No livro “Comunidades audiovisuais – a comunicação produzida por jovens moradores de favelas” (2018), fruto dos meus trabalhos de mestrado e doutorado, o jovem morador de favela figurava como este “ser qualquer” ao produzir reportagens para o quadro Parceiros do RJ/TV Globo (2011-2014). Neste caso, a TV Globo era compreendida como agente externo institucional que possibilitava a visibilidade de questões da comunidade. Na experiência da extensão, o jovem universitário é quem surge como um “ser qualquer” e a Associação de Comunicação Fala Roça, por meio de seu jornal, importante veículo comunitário da Rocinha, como agente externo.

Ou seja, os estudantes, mesmo aqueles que viveram em comunidades do Rio de Janeiro, desconheciam os problemas do cotidiano dos moradores da Rocinha. Ao abraçarem o projeto de extensão, passaram a investigar profundamente questões que estavam fora do seu radar até então, sem deixar de lado a sua realidade. Os editores do Jornal Fala Roça, acostumados a alimentar a grande mídia com suas questões, passaram

a orientar e estimular esses futuros profissionais a terem um olhar solidário, comunitário diante das notícias que impactam a favela onde vivem.

Teoricamente este trabalho recorre, também, às concepções de dialogismo e responsabilidade elaboradas por Mikhail Bakhtin (1895-1975), ao pensar a filosofia do ato a partir da o acabamento da estética literária. Para o filósofo, o ser é constituído de falta e excesso, precisa do olhar do outro para se ver como um todo e a estética resulta deste acabamento que é dado a partir da relação com o outro, do diálogo (2010, p. 11). Ou seja, de que as reportagens produzidas são fruto da relação com o outro, do diálogo. Ainda de acordo com Bakhtin, deste dialogismo, surge, a noção de responsabilidade. “A compreensão de que o ser, ao mesmo tempo que pratica uma ação, tem uma responsabilidade da ação.” (SABACK, 2017. p. 281).

O fundador da Associação de Comunicação Fala Roça, o jornalista nascido e criado na Rocinha e formado pela PUC-Rio Michel Silva, corrobora para a compreensão de que é preciso diálogo e produção jornalística responsável. Michel entende o papel de agente externo do jornal que produz quando participa do projeto de extensão. O jornalista diz que a atividade contribui para ampliar a visão dos estudantes sobre a profissão que escolheram seguir.

A gente está acostumado a querer reproduzir o jornalismo hegemônico, tipo William Bonner. Você chega na universidade querendo fazer algo do tipo William Bonner, igual ao Alex Escobar. As pessoas que vão fazer jornalismo não pensam que dentro do jornalismo tem várias funções e que o jornalismo é feito na rua. As pessoas têm a mentalidade de jornalismo de redação. Então eu acho que é muito importante essa relação da universidade com as comunidades. O jornalismo precisa ser feito de uma forma humanística, porque o jornalismo lida com pessoas, com pensamentos, com crenças, com culturas. Então não adianta você fazer um jornalismo de redação, porque fica um jornalismo superficial, escreve, escreve, escreve e não tem o pensamento na matéria. (SILVA, 2023)⁴

A extensão é compreendida desta forma como um instrumento importante para mudar o cenário descrito por Michel. Transformando a favela em sala de aula nos primeiros períodos do curso de jornalismo permite formar jornalistas capazes de produzir reportagens mais humanistas, uma carência do jornalismo, segundo Michel Silva. O

⁴ Todas as declarações de Michel Silva neste artigo foram extraídas de uma entrevista concedida à autora por Zoom no dia 06 de jul. de 2023.

jornalista, que na época da produção deste artigo integrava a equipe de colaboradores na produção de conteúdo da TV Globo, no Rio de Janeiro, afirma que “eles sabem fazer jornalismo, mas não sabem como fazer esse jornalismo hiperlocal. Só quem está vivenciando esses territórios, seja ele favela ou bairro, sabe fazer”.

OS ATORES DA EXPERIÊNCIA EXTENSÃO

O jornal Fala Roça foi criado em 2013 pelos irmãos Michele e Michel Silva que sentiam falta de um veículo de comunicação que tratasse de questões de interesse dos moradores da favela. Inicialmente, o principal objetivo era falar sobre a cultura dos moradores que originaram a comunidade: a nordestina. Mas, com os resultados obtidos junto aos seus leitores, passou a compreender a complexidade sociopolítica e cultural de uma mídia inserida em uma cidade metropolitana. Além disso, o informativo que nasceu para circular apenas na versão impressa migrou para as plataformas digitais, ajustando-se às necessidades e desejos de seus leitores.

Quando foi lançado, o jornal recebeu R\$ 10 mil de patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio do projeto da Agência de Redes para Juventude, mas atualmente se mantém com outros recursos obtidos, principalmente, a partir de editais públicos. No início, a redação do jornal funcionava de forma improvisada na Biblioteca Pública da Rocinha, mas desde 2022 tem uma redação instalada no terceiro andar do número 558 da Estrada da Gávea.

Até 2016, as edições do jornal eram impressas, com tiragens semestrais de cinco mil exemplares cada. A pauta priorizava assuntos do cotidiano da Rocinha com um esforço de resgate de memória ao falar de personalidades locais e da ineficácia de políticas públicas. Em 2017, a equipe do jornal optou por suspender a versão impressa e intensificar as publicações no site do Jornal (www.falaroca.com) e nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram.

Ao longo dos 10 anos de existência, o grupo tem muito o que comemorar. Em 2015, viraram Patrimônio Cultural da Cidade do Rio de Janeiro. Receberam o Prêmio Maria Carolina de Jesus de Direitos Humanos, na ALERJ, em 2019. Ganharam homenagem da ALERJ pelas ações de ajuda humanitária durante a pandemia de COVID-19 em 2020.

A equipe do Fala Roça é pequena. Seu fundador, Michel Silva, atua como editor chefe. Formado em Jornalismo pela PUC-Rio, é cria da Rocinha e adora circular pelas favelas da cidade para fazer redes e adquirir conhecimentos e experiências. Michel já trabalhou no Instituto Moreira Salles, Record TV Rio, The Guardian, Datalabe e ajudou a fundar a Favela em Pauta. Em 2023 tornou-se pós-graduando em Jornalismo Investigativo pelo IDP.

As irmãs de Michel, Michele e Monique, acumulam funções importantes para o desenvolvimento da empresa. Michele, faz a gestão institucional e de projetos. A jovem é formada em Publicidade e Propaganda pela UniverCidade. Já Monique Silva é a gerente financeira. Formada em Gestão Empresarial pela Universidade Castelo Branco, foi voluntária do Fala Roça durante anos e desde 2020 é gerente financeira do jornal.

Camila Perez, produtora do Fala Roça e bolsista em projetos de pesquisas do Laboratório Territorial de Manguinhos, vinculado à Fiocruz, é formada em Produção Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá. Antes de ingressar no jornal, Camila atuou em diferentes frentes de cultura na Rocinha. Trabalhou na TV Tagarela e foi produtora cultural da Via Sacra da Rocinha. O principal repórter da equipe é Osvaldo Lopes, formado em Jornalismo pela Unicarioca.

A turma de Jornalismo e Cidadania da PUC-Rio que participou da experiência era composta por 17 alunos. Apenas dois nasceram e cresceram em uma comunidade do Rio de Janeiro e uma aluna morava na mesma rua da redação do Fala Roça, mas na parte de baixo, em um condomínio de luxo de São Conrado. A maioria dos estudantes, apesar de estudarem e viverem na Zona Sul do Rio de Janeiro, nunca havia entrado na Favela da Rocinha.

CRONOGRAMA DE MÃO DUPLA

O trabalho com os editores do jornal Fala Roça começou logo após a primeira avaliação prevista no semestre. O objetivo era fazer com que os alunos conhecessem a favela, seus moradores e experimentassem de perto a produção jornalística com foco comunitário. Para isso, no dia 18 de outubro de 2022, a turma foi à sede do Jornal para assistir a uma aula sobre a história da Rocinha ministrada por Michel Silva, fundador do jornal e jornalista formado pela PUC-Rio. Para a aluna Anna Luísa Souza a visita à sede do Jornal Fala Roça foi uma oportunidade de construir um outro olhar sobre a favela:

“esse panorama histórico foi muito importante para minha conscientização, como alguém que não vive na Rocinha”.⁵

Na semana seguinte à aula, no dia 25, foi realizada uma reunião de pauta. Desta vez os editores do Fala Roça estiveram na sala de aula, no campus Gávea. Os alunos, divididos em quatro duplas e três trios, apresentaram suas propostas de reportagens. Algumas sugestões esbarravam nas questões que ocupam o imaginário da sociedade quando o assunto é favela, como o baile funk. A maioria dos alunos nunca havia pisado na Rocinha e identificar o que seria notícia para o jornal, tornou-se um produtivo desafio. “Me fez sair da minha zona de conforto tendo que escrever sobre assuntos que eu não conhecia muito, e fez com que eu realmente saísse da PUC e fosse para o mundo real procurar notícias”, comentou o aluno do 4º período Pedro Lissovsky⁶.

Uma vez que as pautas foram aprovadas, os alunos iniciaram a produção e, com a ajuda e mediação do editor Osvaldo Lopes, realizaram as entrevistas necessárias dentro da favela. No horário das aulas eles tiraram dúvidas e receberam orientação para a condução e organização dos textos. Uma experiência completa como descreveu o aluno do 4º período Guilherme Frota: “Ir a uma área da cidade que nunca tinha pisado - e não sei se algum dia isso aconteceria - podendo comparar vários aspectos divergentes do Rio e compreender um pouco mais desse jornalismo comunitário, generoso e maiúsculo, resgatando um pouco de empatia pro meu microambiente”⁷.

As pautas propostas, aprovadas e desenvolvidas pelos alunos contemplaram as editorias de esporte (2), economia (2), saúde (1) e educação (2). Em todas foi necessário que os repórteres fossem a campo mais de uma vez e explorassem fontes oficiais em busca de dados sobre a questão investigada, uma tarefa nem sempre fácil. O trabalho de apuração só foi possível porque a equipe do Fala Roça atuou como produtora e acompanhou os repórteres de perto. Já a apuração de dados oficiais, revelou aos repórteres o descaso das autoridades sobre o cotidiano na Favela da Rocinha, seja na saúde, na educação ou na área de prestação de serviços, como conta a aluna Sophia Gomes Coelho Parga Marques.

⁵ Trecho da reportagem publicada no site do Departamento de Comunicação da PUC-Rio. Disponível em: <http://www.jornalismo.com.puc-rio.br/br/texto/243/experiencias-de-extensao-fazem-a-ponte-entre-a-producao-academica-e-comunidades>. Acesso em 4 de jul. de 2023.

⁶ Depoimento concedido à autora em 27 de novembro de 2022.

⁷ Idem.

Nossa matéria para o Fala Roça foi sobre maternidade na Rocinha. Para isso, buscamos pesquisar sobre as unidades de saúde dentro ou próximas à favela, que fazem acompanhamento pré-natal e realizam partos. Uma dificuldade que tivemos foi em relação a dados atualizados sobre a quantidade de gestantes na Rocinha por ano, qual a idade delas e em quais maternidades as crianças da Rocinha costumam nascer. Também não conseguimos dados sobre a quantidade de gestantes da Rocinha que realizam o pré-natal e quantas não fazem. (MARQUES, 2023)⁸

No dia 22 de novembro os textos foram entregues e, depois de lidos e corrigidos por mim, enviados ao editor Osvaldo Lopes. Na semana seguinte reunimos novamente, desta vez na sala de aula, os alunos para apresentar nossa avaliação e solicitar todas as mudanças necessárias. No início de dezembro os textos finais foram entregues para edição e publicação.

A primeira reportagem foi publicada no site do Jornal Fala Roça no dia 12 de dezembro foi assinada pelos alunos Bernardo Brigadão e Guilherme Frota e apresenta que o morador da Rocinha, Marcelo Mendes “ficou seis horas e dois minutos (6h02) e deu 40 mil toques na bola batendo a bola somente com a cabeça”. Marcelo tem 53 anos, é gari e sonho de ver seu recorde publicado no Guinness Book.⁹ A segunda matéria publicada também foi editoria de esporte, foi para ar no dia 16. A dupla João Guilherme Saraiva e Vinícius Schelles entrevistaram o técnico do time da Rocinha que conquistou a primeira Taça da Favelas de Futebol, em 2012.¹⁰

Para a editoria de Economia, os alunos Gabriel Lima, Gabriel Cruz e Pedro Bitencourt investigaram o comércio local e descobriram que os restaurantes de comida japonesa da Rocinha atendem com sucesso os bairros nobres vizinhos. O texto foi veiculado no dia 21 de dezembro.¹¹ Já para a editoria de Sustentabilidade, as alunas Carolina Smolentzov e Lorena Lima fizeram um *tour* pela favela junto com turistas estrangeiros e brasileiros. A reportagem, publicada no dia 9 de janeiro de 2023, apontou os prós e os contras do turismo nas favelas.¹²

⁸ Entrevista concedida por WhatsApp no dia 3 de ago. de 2023.

⁹ A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/marcelo-recordista-embaixadinhas-rocinha/>. Acesso no dia 8 de ago. de 2023.

¹⁰ A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/rocinha-taca-favelas-2012/>. Acesso no dia 8 de ago. de 2023.

¹¹ A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/restaurantes-japoneses-rocinha-delivery/>. Acesso em 11 de ago. de 2023.

¹² A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/turismo-rocinha-favela/>. Acesso em 11 de ago. de 2023.

Para a editoria de Educação foram produzidas duas reportagens. A primeira, publicada no dia 12 de janeiro e produzida pela estudantes Anna Luísa Souza e Carolina Rocha tratou do Movimento das Crecheiras da Rocinha. Um movimento periférico e feminista iniciado em 1980 para atender a necessidade das mães que trabalhavam fora e não tinham creches públicas para deixarem seus filhos.¹³ A segunda, veiculada em 18 de janeiro e assinada por João Guilherme Palmer, Pedro Lissovsky e Rafaela Fragoso, abordou a carência de escolas na favela que ofereçam o Ensino Médio. Segundo a reportagem, há apenas uma na Rocinha.¹⁴

A última reportagem publicada no dia 20 de janeiro atendeu à editoria de Saúde e tratou de uma questão muito cara para os moradores: gestação, parto e maternidade na favela. As alunas Sophia Marques, Eduarda Farias e Rafaela Gissoni assinam a reportagem Gravidez na Rocinha: mães falam sobre saúde mental e maternidade. Elas conversaram com a moradora Iara Batista, que inspirada na própria experiência, tornou-se educadora perinatal, doula e “criou o projeto Acolher Periférico para compartilhar informações para com as mulheres leigas das favelas”.¹⁵

As reportagens revelaram aos alunos uma realidade que até então estava distante do cotidiano deles. Para os editores do Fala Roça, em contrapartida, serviu como exercício de inclusão em sua produção de jovens que não vivem em sua comunidade. Para o jornalista Oswaldo Lopes, a extensão promoveu empatia nos futuros jornalistas.

Ver a atuação na prática de alguns é vital para observar os desempenhos, o trabalho em equipe e a riqueza de detalhes que ganhamos ao produzir e realizar uma pauta jornalística quando se vai a campo. Além disso, humanizamos ainda mais o personagem e passamos o sentimento principal ao texto, depois de presenciar ações no território. A preocupação dos jovens com o direito de imagem, com a estrutura textual e o fluxo de leitura nos textos muito me alertou, sempre dispostos também a correções durante o processo. Os textos ficaram incríveis após revisado e publicado no site do Fala Roça, mantendo uma frequência criativa teremos uma nova leva de jornalistas mais dispostos e empáticos com as suas pautas, sobretudo envolvendo as mídias independentes e o jornalismo de favela. (LOPES, 2023)¹⁶

¹³ A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/creches-comunitarias-feminina-rocinha/>. Acesso em 11 de ago. de 2023.

¹⁴ A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/futuro-ensino-medio-rocinha/>. Acesso em 11 de ago. de 2023.

¹⁵ A reportagem está disponível em <https://falaroca.com/gravidez-rocinha-maes-maternidade-favela/>. Acesso em 11 de ago. de 2023.

¹⁶ Entrevista concedida à autora por WhatsApp no dia 3 da ago. de 2023.

A empatia pode ser um ingrediente fundamental para a produção de uma comunicação eficiente no que se refere ao exercício da “cidadania como meio: a cidadania pode ser vista como argumento, meio ou instrumento da comunicação para se conseguir direitos em uma determinada sociedade.” (SIGNATES & MORAES, 2016, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando teorizamos sobre a produção de jornalismo local, logo penso: “o *local* é uma verdadeira escola. É cobrindo a cidade onde vive que o jornalista recém-formado vai descobrir os mecanismos e segredos da profissão”. (SABACK, 2005, p. 159) O pensamento amadurece para o de que uma cidade é plural, nela coabitam cidadãos em situações socioeconômicas diversas que experimentam injustiças sociais constantemente. É necessário antecipar esse “cobrir a cidade” para bem antes da entrega do diploma ao jovem jornalista.

Tendo a favela como sala de aula na graduação de jornalismo, o estudante experimenta o que Bakhtin chamou de dialogismo. As reportagens são fruto da relação com o outro, do diálogo. Deste dialogismo, os jovens conhecem a responsabilidade, a responsabilidade pelos seus atos como futuros jornalistas. Eles têm a oportunidade de praticar o jornalismo responsável desde à apuração até a redação do texto.

Isso posto, acredito que este jovem pode ter “responsabilidade” e ser efetivamente um agente social de transformação da sua própria sociedade. “A escolha entre a sua convicção e a sua responsabilidade deve sempre contar com o olhar do outro, um cidadão como ele.” (IBDEM).

A compreensão desta responsabilidade no ofício do jornalismo me parece fundamental para a produção de uma comunicação para cidadania, seja o profissional de uma empresa hegemônica ou não. A experiência da extensão ainda na graduação, sendo assim, é fundamental já que possibilita que o futuro jornalista entenda a sua responsabilidade na cobertura de questões do cotidiano das favelas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Univ., 1981.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

_____. **Questões de literatura e estética**. São Paulo, Hucitec, 2010.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Método e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FILHO, Aziz & FILHO, Francisco Alves. **Paraíso Armado**. São Paulo: Editora Garçoni, 2003.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

SABACK, Lilian. Telejornalismo Local, IN: **No próximo bloco... : o jornalismo brasileiro na TV e na internet** / organização: Ernesto Rodrigues. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio ; São Paulo: Loyola, 2005.

SABACK, Lilian. **Comunidades Audiovisuais: a comunicação produzida por jovens moradores de favela**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X: PUC- Rio, 2018.

SABACK, Lilian. As novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo e o possível fortalecimento da ética profissional. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 43, n. 2, 2017. DOI: 10.22484/2177-5788.2017v43n2p277-294. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3107>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SIGNATES, Luiz. MORAES, Ângela. Cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania, 2016. IN: **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/333199041_Cidadania_como_comunicacao_estudo_sobre_a_especificidade_comunicacional_do_conceito_de_cidadania. Acessado em 31 de jul. de 2023.

SILVA, D. T.; BASTOS, P. N.; MIANI, R. A.; SILVA, S. A. (org.). **Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva**. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 2021.